



Rio de Janeiro, 5 de Abril 1888

Cruze Souza.

Até aqui, meu amigo, o re-
morse mordida-me e consen-
cia, como um bull-dog, até
quado não me ver. Eu não te man-
dava o dinheiro.

Agora (a 13 de meo) pousa
do mordida pelo Dr. Fausto por
da Superintendencia E. de Imigração
enviei-te o cobre por um porta-
dor seguro e tu não vens, nem me
respondeste!

Vens ou não vens?

Queres saber da cacimba
infesta, onde cantava como
um sapo artista a luz do
sol tropical e amorro, ou que-
res ficar, visquento e limpo, enterra-
do na sua lama até ao cobello?

Malora, sonhador, que eu não
te entendo?

Porque deixas de vir? Não
dei-te 50 Tizzicattos, que a 500 reis
são 128500. Enviai-te mais 200
000 para pagamento da passagem
e tu não vires, não surges, não
appareces, sepultando-nos num túmulo
de desespero Saespearcaans!

Responde-me.

Teu
Raul Pires.